



IN MEMORIAM

ESTUDOS DE HOMENAGEM A ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES [EDS.]

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

Maria Alexandra Trindade Gago da CÂMARA
matgc@uab.pt
[Universidade Aberta
CHAIA
CITAR
ARTIS – FL – ULisboa]

RESUMO

José-Augusto França nascido em 1922 é o mais importante historiador de Arte do século XX. Autor de uma obra vastíssima, reconhecida entre nós e no contexto internacional, nela se cruzam os planos da crítica da arte, da sociologia da arte, da história, da história da arte e da história do urbanismo.

Reconhecendo-lhe a sua enorme importância na Historiografia da Arte Portuguesa, os séculos XVIII, XIX e XX, e também como forma de uma homenagem, decidimos organizar este texto à volta de uma breve entrevista que realizámos em 2012, mas nunca publicada. Neste contexto conversamos com José-Augusto França sobre a singularidade da arte do azulejo e do seu tempo histórico.

Palavras-chave: José-Augusto França; Azulejo; decoração; Lisboa; arquitetura pombalina.

ABSTRACT

José-Augusto França, born in 1922, is the most important 20th century Art historian. His vast work is recognized in Portugal and abroad and provides its readers with a broad perspective on Art Critique, Art Sociology, Art History, History and History of Urbanism.

Considering his huge importance in the 18th, 19th and 20th centuries Portuguese Art historiography, we decided to pay him a tribute by organizing this paper around the unpublished interview he granted us in 2012. Within this context we spoke to José-Augusto França about the singularity of the Tile Art and its historical period.

Key-words; José- Augusto França; Tile; Decoration; Lisbon; Pombaline architecture.

* Entrevista conduzida por Alexandra Gago da Câmara, Jardim da Estrela, 19 de abril de 2012.

“...o emprego do azulejo permite alcançar uma situação de síntese.... O facto de ser um elemento tradicional de decoração a intervir, agora positivamente numa situação de estruturas, o facto de tal elemento funcionar ao nível estrutural, se tornar estrutura, é um fenómeno que deve ser sublinhado dentro da história da arquitectura portuguesa...”

J.-A. FRANÇA (1996). “O Azulejo e a Decoração”. In *A Arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, Editora Bertrand, p. 365

“Passando à fachada e levado a outra função, o azulejo perdeu porém definitivamente o grande papel decorativo que representara nos séculos XVII e XVIII, pintura do pobre substituindo aquela que ao País se não dera”

J.-A. FRANÇA (1996). “O Azulejo e a Decoração”. In *A Arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, Editora Bertrand, p. 366.

O mais importante historiador de arte do século XX em Portugal, José-Augusto França, foi abrindo ao longo de décadas novas perspectivas sobre o entendimento da história, da arte e dos seus diferentes contextos, sendo hoje difícil esquecer, cronologias, periodizações, conjunturas, conceitos e fatos da História da Arte que criou e defendeu (Santos, 2015: 61-87).

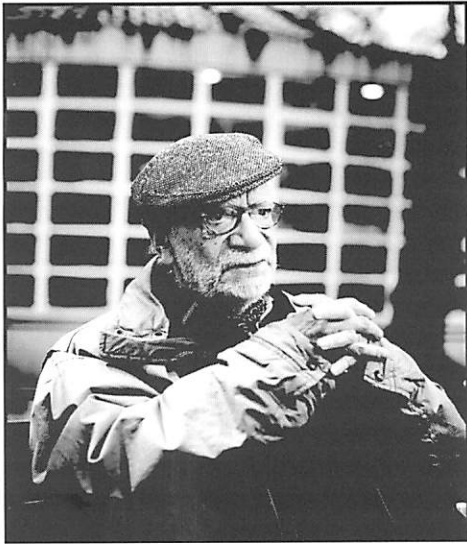


Fig. 1. Fotografia de José-Augusto França, Jardim da Estrela, Abril 2012. © Martim Ramos

Nascido em Tomar em 1922 iniciou o seu trabalho e a sua obra como historiador de Arte em 1949¹. Bolseiro do governo francês, em 1959 foi estudar para Paris, onde contacta desde logo com o trabalho de Pierre Francastel e a sua narrativa historiográfica.

Em 1965 apresenta na École des Hautes Études, na Sorbonne a sua dissertação de doutoramento *Une Ville des Lumières: la Lisbonne de Pombal* (França, 1988). Um estudo inédito e inovador no contexto da historiografia artística portuguesa, e que inaugura uma nova área de estudos e investigação: a História do Urbanismo, entendida num duplo sentido, o da História da Cultura e o da Sociologia da Arte, na convicção que a produção artística, pode ser um dos mais fecundos organizadores do real, torna-se lugar privilegiado de elaboração da História².

Nos anos 70 foi responsável pela criação do Mestrado em História da Arte (ficando desde sempre conhecido como o “mestrado da Nova” por algumas gerações de historiadores de Arte), depois da variante ao curso de licenciatura em

História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da qual tive o privilégio em 1981 de ser aluna da sua 1.^a edição³.

No seguimento, dirigiu o Departamento de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa e foi aí Professor Catedrático, tornando-se uma referência incontornável na Historiografia da Arte Portuguesa.

A sua obra é vasta e complexa e nela se cruzam os territórios da crítica da arte, da sociologia da arte, da história, da história da arte, da história do urbanismo e da própria escrita ficcional⁴.

¹ *José Augusto França: exposição bibliográfica 1949-2012*, BNP, INCM, Lisboa 2012.

² *op. cit.*, p. 19.

³ A obra de J.-A. França está ainda hoje na base dos *currícula* de várias disciplinas dos cursos de História da Arte, persistindo o seu domínio no ensino e nas práticas historiográficas sobre arte portuguesa do século XIX e XX. (Santos, 2015: 64). Veja-se “A Licenciatura em História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em Dezembro de 1992” *Ler História* n.º 25, 1994, pp. 113-120.

⁴ Destaque-se entre muitos, *Memórias para o ano 2000*, Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

O estudo da arquitetura pombalina e da imagem específica da cidade de Lisboa constituíram assuntos onde trabalhou intensivamente. Vejam-se os trabalhos como *Lisboa: urbanismo e arquitectura* (1.^a edição de 1980), ao qual em 2004 se sucederia *Lisboa: História Física e Moral*, na qual colaboraram outros especialistas.

Nas suas *História(s) da Arte em Portugal nos séculos XIX e XX* dedicou alguma atenção ao azulejo enquanto elemento decorativo da arquitetura (França, 1996: 194-198) não tendo sido porém um terreno de eleição na sua longa carreira como docente e como investigador. Refiro-me especificamente ao período do azulejo barroco e da sua permanente conotação com a "pintura do pobre"⁵ como assim designava. No entanto, entendeu e percecionou o valor estrutural do azulejo na sua *legítima e necessária* função na arquitetura portuguesa e a mudança estética e de consumo que se operou nos finais do século XVIII e inícios do século XIX a par do gosto e do ornato neoclássico.

Foi neste contexto que decidimos conversar com José-Augusto França sobre a singularidade desta arte e do seu tempo histórico.

A fim de organizar esta nossa conversa decidi desenhar alguns tópicos, sobre assuntos que o gostava de ouvir falar, tais como: as relações do azulejo e a cidade, do azulejo e a arquitetura, a cultura do azulejo hoje na arte portuguesa, a sua salvaguarda e preservação, e por fim as funções e usos do azulejo desde o uso mais quotidiano à existência museológica.

- **Professor José-Augusto França, agradeço-lhe a sua disponibilidade em aceitar o convite para conversar sobre azulejo e o seu contexto na História da Arte Portuguesa. E começo por lhe perguntar: a visão e opinião que tem hoje sobre a arte do azulejo em Portugal (integrada numa cronologia alargada) é igual ou diferente daquela que tinha entre os anos 60 e 80 do século XX?**

J-A. França - Nos anos 60 e 80 houve uma recuperação arquitetónica do azulejo. Refiro-me aos últimos trabalhos de azulejaria do Eduardo Nery, trabalhos importantes que marcaram o século XX. Foi gradualmente tendo menos encomendas e portanto, talvez uma mobilidade de gosto mas também uma crise económica tenha caracterizado a sua obra. Ele teve encomendas pelo país fora e suponho que a última que fez se não me engano foi uma parede para o Museu de Tomar ainda em 2004, há 8 anos e tem tido também outros projetos que têm sido mais ou menos mal sucedidos. É um homem a fazer azulejos de arte, com empenho e responsabilidade dentro da vida da sociedade.

- **Centremo-nos agora na história do azulejo – o azulejo do século XVIII – e mais especificamente no período pós-terramoto e na reconstrução de Lisboa, que estudou exaustivamente.**

A função que o azulejo estabeleceu com a arquitetura pombalina foi só e apenas exclusivamente decorativa?

J-A. França - Inicialmente este tema foi estudado por Santos Simões; desde o século XVI e por aí fora. A parte pombalina é uma coisa mais recente, a intervenção do azulejo na reconstrução pombalina foi feita nos interiores das casas existindo e continuando a existir em aplicações interiores.

Um dos espólios que eu vi foi onde é hoje a Universidade Aberta, havia azulejos pombalinos construídos sobre o gosto da época do final do Marquês de Pombal, construído diretamente após o terramoto, é um exemplo de arquitetura privada muito cuidada que se distancia do contexto da Baixa.

⁵ Em relação ao azulejo enquanto suporte artístico dos séculos XVII e XVIII apelidou-o frequentemente como "pintura de pobre" "Um só notável painel de azulejos (ainda na Sé de Olinda) um milagre de Jesus copiado de gravura e que vale sobretudo pelo luxo imagioso da moldura, integra na exposição esta outra "pintura do pobre" que as oficinas metropolitanas exportavam para a Colónia." (França, 1962: 17).

Depois do terramoto e até mesmo nos princípios do século XIX, o azulejo começa a ter outra influência, e a assumir uma importância na vida da cidade. É a partir do Norte, e a partir do Brasil. É o Brasil que nos envia o azulejo que é aplicado no exterior nas fachadas das casas dos brasileiros. Todo o nosso país está cheio de casas de brasileiros que percorrem todas as paredes exteriores, de azulejos. Lembremo-nos disso em Júlio Dinis, na *Família Inglesa*, que tem um apontamento interessante sobre as arquiteturas brasileiras nesse sentido e, daí passou a Lisboa, naturalmente por mimetismo, ... o que se fez no Porto é repetido em Lisboa. No Porto o meu avô fez a contabilidade, em Lisboa não estudei, tem de qualquer modo uma vantagem de conservação das fachadas, a água bate não se infiltra e portanto a fachada dura mais tempo e precisa de menos reparos.

Para além disso, a questão que me pareceu mais interessante em meados do século XIX, é a influência que o azulejo estabelece com a vibração na cidade de Lisboa, a parede chapa, espelha e passa a vibrar e como há muito sol, dá-lhe uma mobilidade na fachada que é um enriquecimento para a cidade de Lisboa. Juntamente com a vibração correspondida na calçada, no chão, nos mosaicos do chão. E há uma vibração que o calcário nos permite, e que não encontramos no Porto!

- **Nunca pensou no estudo, mapeamento e inventariação que fez da arquitetura pombalina na cidade iluminada? Estudar também a azulejaria como um elemento integrante desse espaço (neste caso o espaço interior da casa pombalina)?**

J-A. França - Não foi uma prioridade, mas houve pessoas a trabalhar na altura sobre a arquitetura interior; sobre a casa pombalina, uma tese que foi feita comigo, uma moça que trabalha atualmente em Barcelona, Maria Helena Ribeiro dos Santos que fez uma tese de Mestrado na Bélgica na Universidade Católica de Lovaina, e que está atualmente a preparar um doutoramento na Universidade de Barcelona, não é?

A Maria Helena Ribeiro dos Santos meteu-se numa casa pombalina, que eu lhe arranjei que era de um amigo meu e meteu-se lá dentro; a casa estava mais ou menos habitada, perto de uns armazéns na Rua da Prata, ela mediu tudo, tudo como se fosse prego ou moldura, e ficou com uma visão crítica, do tipo, ou melhor dizendo da tipologia da arquitetura pombalina; muito importante porque ela estudou bem o seu trabalho.

Por outro lado, um outro arquiteto, (e ela também é arquiteta), formado em Lisboa, que é neste momento professor no Instituto Politécnico de Tomar, o Jorge Mascarenhas, fez um Doutoramento, (começou por fazer um Mestrado numa Universidade inglesa de que eu dirigia a parte histórica, ele não tinha formação histórica, porque o que lhe interessava era mais a construção, e depois o trabalho passou de tal modo à dita Universidade que resolveram promover a sua tese em Doutoramento.

A orientação da tese esteve também a cargo do diretor Inglês (da tese), um engenheiro que andou encantado por Lisboa a ver as "coisas" da construção.

Mas sempre o azulejo da casa pombalina entra com aquilo que era a função e visão acessória. Havia uma tradição de azulejo mas era uma tradição decorativa e luxuosa, deixou de haver luxo!

- **Quem foram os agentes e protagonistas da encomenda do azulejo durante este período e ciclo? E quais os seus propósitos?**

J-A. França - É uma tradição; é uma influência das casas que tinha havido e tinha deixado de haver antes do terramoto, o azulejo corresponde a um certo gosto estético, tendo em conta o valor higiénico das paredes... mas perde importância, e quando vem a "classificação" neoclássica, assume outra visão, outra vivência estética; é o neoclássico que aqui se vê muito bem. Temos muito bom azulejo neoclássico em Portugal. O século XVIII é um longo século em que existem diferentes variantes de gosto, que é preciso entender. E no princípio do século XIX, logo no princípio, o azulejo entra em competição com



Fig. 2. FRANÇA, José-Augusto (1987).
 "D'or et d'azulejo". *Le Courrier, Le Baroque*,
 Paris, n.º 9, pp. 27-30.

aquilo que se chamou os "panos pintados", isto é, a pintura decorativa das paredes, pintavam reposteiros nas paredes, não havia o reposteiro, havia a pintura do reposteiro com a representação de cordões e tudo... e há muita coisa dessas nos palácios de Lisboa, Palácio Olhão a Santa Apolónia, o Palácio dos Cunhas... Quando eu estive lá conheci uma velhas senhoras que lá habitavam duas irmãs, tias do Marquês de Olhão na altura, que quiseram vender o Palácio ao Estado, para um Museu, mas a coisa não se concretizou, mas eu visitei longamente o Palácio que tinha uma sala lindíssima... confluência de gostos... que nessa altura tem importância em Portugal, tem... É essa a ambiência do interior decorativo, juntamente com os estuques.

O estuque é também pombalino, vem do Grossi que era um italiano que andou aqui e depois trabalhou para o Marquês de Pombal, ele e os seus discípulos portugueses.

Há umas famílias de estucadores que vão aparecer no Porto. Associado também a um

gosto decorativo, o estuque foi bastante utilizado em muitos interiores civis em Portugal. O azulejo deixou o interior completamente para passar ao exterior. Recordo uma tese de formatura da Escola de Belas Artes do Porto, sobre o Azulejo e a sua integração na arquitetura, o José Carlos Loureiro... foi o homem que fez o Palácio dos Desportos no Porto. Outras pessoas no Norte se interessaram pelo azulejo... Maria Keil ainda fez azulejo por influência arquitetónica na obra do marido, Francisco Keil Amaral. Conheço uma casa no Algarve com uma parede toda em azulejos da Maria Keil.

- O azulejo é património de Lisboa. Está presente na paisagem urbana através das fachadas, das platibandas, de janelas, de igrejas, de pátios, de miradouros, de jardins, de pavimentos, etc., que relação estabeleceu esta arte com a cidade dos séculos XVIII, XIX e até ao XX?

J-A. França - Não só em Lisboa, no Porto também é muito importante esta relação com o azulejo, de sempre...

- Sei que conheceu bem o Engenheiro João Miguel Santos Simões. Escreve em 1972 no *Diário de Notícias* quando do seu desaparecimento que *Santos Simões era o azulejo: era-o mesmo numa identificação propositada.*

Quer destacar alguns momentos em que privou com ele? E o que retém hoje desta importante figura e do seu contributo para o estudo do azulejo no espaço português?



Fig. 3. LOUREIRO, José Carlos (1962).
 O Azulejo. Possibilidade da sua reintegração
 na arquitectura portuguesa, Porto.

J-A. França - Fui muito amigo do Santos Simões que era muito mais velho que eu. Privei com ele no Brasil e nos Estados Unidos e vim a saber uma coisa extraordinária no Brasil num claustro de um convento que os azulejos tinham saído das paredes e tinham sido repostos nas paredes de qualquer modo, estavam guardados num beco e não desaparecerem, não foram roubados e foram postos de qualquer modo, quadrado a quadrado, e eu e o Santos Simões estávamos a olhar para um painel de azulejos completamente "assustador" ilegível, e ele disse, "isso é uma gravura holandesa da Flandres", fez uma recomposição mental de um modelo... e no dia seguinte apareceu com uma fotografia da gravura e era, ele tinha conseguido mentalmente reconstituir a cena... tinha uma extraordinária capacidade de memória... era um homem que falava sete línguas ou mais ainda, uma vez tive com ele na América no Museu de Baleeiros em New Bredford e havia um grande debate de baleeiros e ele subiu para o debate e começou a falar em excelente inglês sobre a utilidade daquelas peças todas, para grande espanto de todos, porquê? Porque ele tinha sido posto pelo pai de castigo, porque não trabalhava e era um bocado boémio e o pai colocou-o numa empresa de pesca de bacalhau da Noruega e então vem de lá a falar norueguês e a perceber muito bem as manobras navais e a não querer voltar para Portugal e querer ficar como pescador de bacalhau na empresa, voltou outra vez para Portugal, mas veio com essa experiência extraordinária... ele era engenheiro têxtil... ele aceitou o desafio, toda a gente o adorava, era o homem dos moinhos. Uma curiosidade: eu tenho um amigo arquiteto em França, nosso vizinho que adorava o Santos Simões que ele nunca viu mais gordo, porque ele era simplesmente o homem da ciência dos moinhos.

- **Quanto à salvaguarda deste património integrado, que é o azulejo, vê hoje Lisboa como uma cidade descuidada em relação à conservação e preservação deste património?**

J-A. França - Os azulejos caem menos. Aqui muito perto, na Avenida Infante Santo, existem excelentes painéis de azulejos de Querubim Lapa, e Maria Keil que estão todos danificados; caem bocados e ninguém os vai arranjar, porque custa muito caro. Estamos a perder este património.

- **João Miguel dos Santos Simões percebeu que, embora reconhecendo a necessidade de coleções, o lugar dos azulejos era nas arquiteturas e foi sempre sua intenção que o Museu Nacional do Azulejo fosse também um Centro de Estudos de Azulejaria a Faiança.**

Entre 1972 e a atualidade quais lhe parecem ter sido as perspetivas sobre o destino, documentação e classificação dos patrimónios em Azulejo em Portugal?

J-A. França - Pouco sei disso, mas acompanhei o trabalho de Paulo Henriques no Museu do Azulejo... ele também recebeu no Museu do Azulejo uma grande quantidade substancial de azulejos vindos de Tomar e nessa altura tive bastante trato com ele e tive oportunidade de ver o cuidado que ele tinha com o museu que tinha a sua guarda.

- **Por último: que instituições e que estratégias se definiram no sentido de inverter uma situação artificial de entendimento do azulejo como peça de coleção, pública ou privada, responsável por uma assustadora sangria neste central e essencial património português, para a sua preservação nos seus lugares originais, afinal nas arquiteturas para que foram construídas, pondo em pratica uma musealização *in situ*?**

J-A. França - Isso depende do conservador do sitio, do local, muitas vezes, da igreja, conhece a igreja de Almancil no Algarve? Completamente forrada de azulejos, é um monumento muito bem tratado e preservado, o padre faz restauros sucessivos *in situ*. Almancil tem também uma importante Galeria de Arte ... dos alemães, fechou agora, fechou mesmo,

é um crime...



Fig. 4. Cúpula. Detalhe da Igreja de São Lourenço de Almancil, Loulé, Algarve, Repertório Fotográfico e Documental acedido <http://www.queirozportela.com/ipc.htm>

- **Qual é o azulejo da sua vida, qual é a sua preferência cronológica?**

J-A. França - A minha preferência estética/plástica é evidentemente o azulejo do século XV/XVI, do tempo da corda seca, da concha, concava é um azulejo que vem da Andaluzia e depois fica cá. E depois o azulejo passa a ser a substituição da pintura que nós não tínhamos e das tapeçarias que também não tínhamos, para forrar as paredes é muito bonito, mas é um bonito de substituição é a "pintura do pobre" (como lhe chamei) como a talha era a "escultura do pobre", não tínhamos escultores mas sim excelentes entalhadores, e o azulejo funcionou desse modo de uma pintura que não tínhamos, com exceção do tempo da família Oliveira Bernardes e daí em diante Jorge Colaço... que fez pintura e não azulejo!

- **E temos também os artistas plásticos contemporâneos...**

J-A. França - Temos vários por aí fora, às vezes melhores no azulejo do que quando fazem pintura... (riso)

- **Recuando um pouco ao século XVIII, fica a ideia de podermos um dia reconstituir uma casa Pombalina.**

J-A. França - Casas Pombalinas, bom, existem prédios Pombalinos, mas são todos pobrezinhos, com escadarias encahadas, toda a Baixa é assim, na Rua Augusta existem escadas em que não se cabe... feitos economicamente para o metro quadrado, mas são azulejos da Fábrica do Rato. Existem palácios deste período na Rua da Escola Politécnica: os Alagoas e o Palácio do família Rebelo de Andrade. Eu visitei o Palácio e depois conheci o filho, o Pedro, que era um diplomata e que convenci ou quase convenci a não aumentarem um andar, porque havia a ideia de aumentar mais um andar.

- **Entrou já lá depois com a Universidade Aberta?**

J-A. França - Não ainda não fui lá... Oxalá que consigam recuperar a escada de ferro, uma peça muito bonita mas muito perigosa, eu fotografei-a para um amigo meu, mas é muito

perigosa.

- Depois falamos mais tarde, possivelmente no Palácio Ceia. Gostaria muito que voltasse lá.

J-A. França - Sim gostaria ... eu sobre azulejo não sei mais nada, eu sei é de estuques.



Fig. 5. Palácio Rebelo de Andrade – Ceia, fachada tardoz, escada em ferro, meados do século XIX, © Universidade Aberta.

BIBLIOGRAFIA

AA VV (2013). *Rossio. Estudos de Lisboa*, Maio, n.º 1, Lisboa, CML, acesso aberto em https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/revista_rossio.

CÂMARA, MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA (2005). "A História de Arte em Portugal. Um balanço". In *Des(a)fiando Discursos. Homenagem a Maria Emília Marques*, Lisboa, Universidade Aberta pp. 123-131.

CÂMARA, MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA (2012). "O azulejo barroco. O estudo e a investigação em Portugal". *Revista do Instituto de História da Arte* n.º 9, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp.107-127.

IV Congresso de História de Arte Portuguesa. Homenagem a José Augusto França. Atas, (2014), 2.ª edição revista e atualizada, Lisboa, Associação Portuguesa dos Historiadores de Arte.

Entrevista com José-Augusto França por Raquel Henriques da Silva. *Revista de História da Arte*. (2005), Lisboa, Colibri, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, n.º 1, pp.7-13.

Entrevista com José-Augusto França (1992). In *Penelope*, Lisboa, n.º 7, pp. 85-89.

José-Augusto França: Exposição bibliográfica 1949-2012, (2012), Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

FRANÇA. JOSÉ-AUGUSTO (1996). "As Artes Decorativas". In *A Arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, Editora Bertrand, pp. 194-198.

FRANÇA. JOSÉ-AUGUSTO (1987). D'or et d'azulejo. *Le Courrier*, Le Baroque, Paris, n.º 9, pp. 27-30.

FRANÇA. JOSÉ-AUGUSTO (1988). *Une Ville des lumieres: la Lisbonne de Pombal*, 2.ª ed. rev. Paris, F.CG.

FRANÇA. JOSÉ-AUGUSTO (1996). "O Azulejo e a Decoração". In *A Arte em Portugal no século XIX*, Lisboa, Editora Bertrand, pp. 367-374.

FRANÇA. JOSÉ-AUGUSTO (2004). *História de Arte em Portugal: o Pombalismo e o Romantismo*, 1.ª ed. Barcarena, Editorial Presença.

FRANÇA. JOSÉ-AUGUSTO (1962). "O Barroco no Brasil numa exposição em São Paulo". In *Colóquio Artes*, pp. 12-17.

- FRANÇA, JOSÉ-AUGUSTO (1997). *(In) Definições de Cultura: Textos de Cultura e História, Artes e Letras*, Lisboa, Editorial Presença.
- FRANÇA, JOSÉ-AUGUSTO (1980). *Urbanismo e Arquitectura*, 1.^a ed, Lisboa, Biblioteca Breve.
- FRANÇA, JOSÉ-AUGUSTO (1987). *História de Arte Ocidental 1780-1980*, Lisboa, Livros Horizonte.
- FRANÇA, JOSÉ-AUGUSTO (2008). *Lisboa: História Física e Moral*, Lisboa, Livros Horizonte.
- LOUREIRO, JOSÉ CARLOS (1962). *O Azulejo. Possibilidade da sua reintegração na arquitetura portuguesa*, Porto, Caleidoscópio.
- Pensar História da Arte. Estudos de Homenagem a José-Augusto França* (2016) (coordenação Pedro Flor), Esfera do Caos
- SANTOS, MARIANA PINTO DOS (2015). "O legado de José-Augusto França na escrita da História da Arte em Portugal: caracterização crítica do cânone e de exemplos da sua persistência". *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past* 1, n.º 1, pp. 61-87.